

Os verdadeiros e reflexivos heróis

no conceito do sr. António Sérgio

III

Evamos conversar sobre o Infante. Esse foi o menos idealista dos três. Prático, calculador, verdadeiramente reflexivo, foi um ótimo homem de negócios, que de herói só tem a fama.

Nele a marca da ancestralidade é nitida. É um inglês, cujo instinto mercantil refinou com o sangue herdado da avó paterna, plebeia, que o tinha talvez de algum antepassado fenício, ou, o que é mais provável, judeu. É um semita tal como o retrato do pintor das tábuas de S. Vicente, é um utilitário, duro, seco, mau, como o descreve Azurara.

Dizem que foi virtuosa a esposa do Mestre de Aviz. Não temos hoje elementos para duvidar disso. Contudo, na geração dos «inlitos infantes» este D. Henrique surge tam diferente, tam inferior, que, se cegamente cressemos na hereditariedade, o diríamos filho, não do batalhador de Aljubarrota — neto de D. Pedro I, o violento e apaixonado D. Pedro — mas de qualquer físico ou mercador judeu, afecto a régia câmara. Os outros irmãos, D. Duarte, o intelectual culto, D. Pedro; o primeiro príncipe da Renascença, viajado e elegante; D. Fernando, o místico e sonhador resignado; e até D. João, o quasi ignorado rebento da cepa de Aviz, que mostrou quanto valia, opondo-se inteligentemente à absurda segunda jornada de África, que a ambição e testarudez de D. Henrique impôs — todos revelaram na sua vida uma porção de superioridade intelectual bastante para dignificar um homem. D. Henrique, não. É um aventureiro, mas desses aventureiros-escritos em que as eras de hoje são férteis, que expõem as vidas e os capitais dos outros em empresas mirabolantes, ficando eles tranquilamente a especular na Bolsa. É um pirata, que não de atreve a ir ao mar. Como empresário de façanhas, evita correr o risco delas. Como homem de negócios, é do seu balcão que dirige as especulações.

Que fez D. Henrique? Esboçou a «epopeia dos Descobrimentos»? Meteu-se em alguma aventura movido pela ansia de «dilatara a fé e o império»? Sonhou com a hegemonia do mundo, com o domínio inteiro de todas as estradas do mar? Ninguém o sabe. Ele nunca o disse a ninguém. E nem tal se infere da obra que empreendeu. A aventura de Ceuta não revela heroísmo nem carácter. É imbecil na concepção e desumana, vilíssima, no seu desfecho. A Escola Náutica de Sagres, quem há aí que a tome a sério?

Que fez a final o Infante? Concertou-se com os armadores algarvios e, suggestionando-os com promessas de fabulosas riquezas, aprestou embarcações, que confiou ao seu affecto Gonçalo Velho e a outros, para explorar a Terra Alta, já notada em todas as cartas e portulanos da época. Para quê? Para estabelecer contacto com as populações do litoral e praticar com elas o escambo de produtos, quando não fosse possível o saque. Principalmente, para «filhar negros», para praticar a escravatura.

Quando, no regresso das expedições, os mestres das caravelas lhe apresentam, como boa presa, os berberes — «móros» lhes chama Azurara — caçados na Terra Alta, o Infante irritava-se e exigia-lhes que fossem mais para baixo, até a Guiné, e lhe trouxessem pretos,

pretos autênticos, para vender. Era com os pretos que ele alimentava o seu negócio de mercador de escravos, tam vasto, que não lhe bastava o reino para o exercer, tendo sido autorizado pelo mano regente, por castas patentes, a exportar negros para Castela.

Ninguém ignora que o Infante não mandou descobrir a Madeira e os Açores, mandou povoar essas ilhas, de há muito conhecidas e faladas por cartógrafos e navegantes. Foi para «dilatara a fé e o império»? Não, que nesses ilheus despovoados não havia infeis, nem o império se engrandeceria então muito com esses minúsculos territórios. Foi para arranjar feitorias, espécie de granjas de rendimento, para a ordem de que era Administrador e Corregedor. Porque, note-se, os territórios que ele mandava descobrir, não os queria para a Coroa, para o Estado, que o mesmo era nessa época, para a Nação. Queria-os para a sua ordem de Cristo, queria-os, numa palavra, para ele próprio.

Não falaremos nas infinitas especulações com os abastecimentos das frotas; isso tudo é derivado da utilitária idea inicial.

Acentuaremos só que o Infante não foi um visionário, que se embriagasse com um sonho de grandeza; não foi conscientemente um alicerçador do futuro; foi um homem pratico, metódico, reflexivo, interesseiro, que se quis «governar». Tudo quanto fez, fê-lo «pela certa», sem nada de fantasias, de vãos de génio. E quando percebia que o «negócio» não rendia o preciso, desinteressava-se, como fez com os Açores, não mandando descobrir as restantes ilhas, que estavam à vista, limitando-se à fraca feitoria da primeira descoberta. E que lá não havia negros para «filhar».

A aventura do mar, o sonho da «politica do transporte» não surgiu na cabeça dura do negroiro, que, ao que dizem, morreu virgem, de tanto que era egoista. Vem do século anterior, pelo menos. Vem da imaginação de D. Dinis; vem das expedições as Canárias; vem da influencia estranha dos Pecanhas, navegadores; vem, por último, do rei D. Fernando

«D. Henrique, herói?»
Para fechar também com um exemplo de agora — este D. Henrique, «iniciador dos Descobrimentos», segundo os historiadores à maneira de Pinheiro Chagas, «verdadeiro e reflexivo herói», no conceito do sr. António Sérgio, seria, se fosse vivo, um esplêndido Governador do Banco Ultramarino, ou um «honrado» director da Moagem.

J. B.

ATRAVÉS DOS LIVROS

Terras Mouras
por ROCHA JÚNIOR

TERRAS MOURAS é um livro de impressões de viagens, a viagem que um jornalista fez, acompanhando uma missão vagamente oficial, através do mais ou menos tranqüilo Marrocos espanhol. Quando o auctor dum livro dessa natureza é um jornalista da tempera de Rocha Júnior, necessariamente a obra, por mais despretençiosa que seja, encerra ensinamentos, dados de aguda observação, judiciosos conceitos, que cumpre registar.

Embora hospede da Espanha, o carácter rígido de Rocha Júnior não se deixou vencer pela fidelidade da recepção, — como succedeu a outros — ocultando o que a Espanha convinha occultar. Desassombradamente, Rocha Júnior conta o que viu e se a sua missão tivesse sido

O compositor Debussy

O sentido mental da sua música

Amúsica moderna tem em Debussy um dos seus cultores mais extraordinários. O mais perfeito «sensível», como lhe chamou um musicógrafo francês dos mais cotados, Debussy realizou na arte musical descritiva o que até então não havia ainda sido realizado. Hoje, em todos os bons concertos Debussy é executado, embora eu não creia na sinceridade de muitos dos ouvintes que vêm dizer-nos quanto a música do autor de «Pelleas et Mélisande» os impressionou. O descriptivo de Debussy não é acessível a todos os ouvidos. Entra em minúcias, desce a contingências desconhecidas na obra de outros compositores. O que mais fere a nossa atenção é a facilidade com que o músico objectiva pequenos nada da vida actual e desenha a largos traços figuras de lenda. «Pelleas et Mélisande» e «Cathédrale engloutie», são polos opostos. O primeiro do músico embrenha-se na história e dá-nos o ser misterioso, cheio de calma, de Melisande, a inocência de Pelleas, embaraçada na simplicidade cândida, quasi pueril do seu amor.

Na dramaturgia de Debussy, a literatura e a música ligam-se intimamente, abraçam-se na mesma efusão de Beleza, na mesma ansia de ritmo affectivo e musical. Perpassa na intimidade sónica do mestre a viração acariciante do feito tradicional, como irrompe serenamente, num hausto de volúpia narrativa, a detalhante subjectivação do sentimento vital, onde quer que ele aflore, na materialidade das coisas, ou na palpação do psiquismo mais facetado.

E o que pode chamar-se «impressionismo musical». Não há nas frases musicais de Claude Debussy o romanticismo ardente de alguns músicos italianos, se olharmos para anos já há muito volvidos, ou o nacionalismo obstinado de certos modernistas do mesmo país. A literatura pianística, que produziu as frases delicadas de algumas das suas narrativas musicais, trouxe na delicadeza das suas nótulas um veio fértil de verdade e de simplicidade que se adapta, que se aplica fora de determinadas localizações impresscindidas da «étnica e adstritas a uma cor de ambiente que as desuniversalizaria».

Por isso a música de Debussy não colhe dos assuntos o contorno marcado, o volume rigoroso das coisas, o relêvo certo, arranca a essência, espiritualiza a seiva e traz para a vida dos sons, não a facetação mais ou menos material das expressões, mas a neblina

ténue da intimidade, a patine fugaz das superfícies. Debussy vê as coisas e transmite-as pela sua «sensibilidade», menos pelos olhos do que pelo sentimento. Voejamento de formas imprecisas, esboço espiritual de condensação de linhas, fora da espontânea criação dos sentidos, mas bem adentro da concepção pessoal da alma das coisas.

Nas curvas sensuais da sua música, poisa um mundo de observações, colhidas de perto, surpreendidas na ascensão cadente do «impressionismo» visual. Na própria escolha da literatura de Maeterlinck se vê a ordenação, o sistema de sensibilidade revelada por Debussy e comentada nas suas mais pequenas frases. Onde não está o grande escritor belga, como obra, está o emocionalismo dele, a vibração rítmica do seu temperamento e dos seus escritos.

É este aspecto «après nature», é este cromatismo narrativo que imprimem a obra de Debussy uma direcção especial, como outra não há na música francesa moderna. Não é o enlaçamento fastidioso dos pensamentos musicais, é o paralelismo modular das ideas, das linhas, das expressões. E o grande poder descriptivo reside nas frases curtas, isoladas, cíclicas. As grandes composições são conjuntos das pequenas, coordenação de esboços, aliança de traços impressionistas e expressionistas.

Formidável a literatura debussyana de piano — Perfumes, aquarelas, croquis. A extensão das notas musicais não tem acolhida nos seus desenhos melódicos. Nunca, porém, o combate formal ao romantismo eterno, antes outra forma romântica, outra assimilação lírica, alheia ao consenso estabelecido, individualizada pelo seu sentimento de músico.

«La demoiselle élue», «Chansons de Bilitis», os «Nocturnos», «La mer», são provas irrefragáveis, documentos nitidos da personalização que o músico deu à influenciação técnico-sentimental de Moussorgsky e talvez de Chopin.

Disse um critico: Verlaine na poesia, Monet na pintura, Debussy na música.

De 1918, ano em que morreu Debussy, até hoje, a trajetória da sua obra tem-se adensado, como na Italia a de Zandonai e Pizetti e na Espanha a de Manuel Falla.

NOGUEIRA DE BRITO

igualou o português em audácia e glória! Ecoou no mundo o grito de Liberdade soltado por Lutero e pelos Enciclopedistas e nenhum povo amou tanto a liberdade... Foi um delírio!

Veu depois a febre das riquezas, da ganância, do mercantilismo... é possível que haja quem o iguale, mas exceder... nunca!

Ora, dadas as boas qualidades do povo português, sentimental por excelência, como demonstrou abolindo a pena de morte, colocando-se na vanguarda da civilização... é possível que um dia se produza uma outra febre muito necessária ao bdm da humanidade: a febre do pacifismo, da bondade, da pureza de sentimentos, da verdadeira liberdade; da virtude, do altruísmo, do amor pelo semelhante, e nenhum povo no mundo o excederá, nem talvez o iguale... estejamos certos disso! — ABILOS.

... A idade de ouro não está na nossa retaguarda; está na vanguarda — radiosa e acessível! — SEBASTIÃO FAURE



DEBUSSY

HAN RYNER

Artista e filósofo da Liberdade

O nome e a obra deste mestre ainda não ultrapassaram as fronteiras do seu país nem o círculo dos seus discípulos que o amam e o compreendem. Em redor do seu nome e da sua obra a França chauvinista levantou a conspiração do silêncio. E Han Ryner, sábio humilde e doce, estoico, amável, não pode recorrer à violência do escândalo para que o conheçam.

Não o fez na sua juventude, menos o fará agora, aos sessenta e quatro anos, nesta época de serena maturação à qual chegou sem uma única claudicação, trabalhando sempre, saturando a sua vida de amor, pensando e vivendo harmoniosamente. A vida de Han Ryner é uma vida exemplar, é uma vida heroica. A cultura francesa contemporânea tem poucos homens exemplares, mestres de moral vivida, que possam acercar-se da deste admiravel individualista que fez da beleza e da liberdade os motivos essenciais da sua arte educadora. A's vezes, pensando nele e salvando as distancias, recordamos esse grande e heroico coração que se chamou Rafael Barret ou a cristã figura de Léon Tolstói. De Barret tem o sentimento da beleza e da justiça e de Tolstói a paixão pelo amor e pela não violência.

Para compreender bem a direcção do seu espirito ouçamo-lo a falar de Descartes: «Foi um individualista intelectual, não foi decididamente um individualista moral. A sua verdadeira moral parece querer ser estoica. Mas não ousa nunca torna-la pública. Fez conhecer só uma «moral provisória» na qual se compromete às leis e aos costumes do seu país, que é o contrário do individualismo. Parece, por outra parte, que em algumas circunstâncias não teve, tampouco, valentia filosófica».

Esta valentia filosófica é o que nós chamamos o sentimento heroico da vida. É a que provoca o gesto anti-guerreiro de Romain Rolland e de Nicolai, é a que provoca a expulsão de Han Ryner da sua cátedra, é a que o conduziu, em 1884, a Les Omergues atacado pelo cólera e abandonado cobardemente pelos ricos e pelos burocratas. Nesta ocasião, Han Ryner poz à prova o seu amor infinito e também o seu desprêzo pela morte, obedecendo à sua moral, ao impulso dos seus mais fundos sentimentos.

É um homem livre. A sua vida é tão simples e tão modesta, como a do Diogenes. O que este diz de Epicuro podemos repeti-lo, para retratar a sua vida: «Sob a sua elegância negligente havia um herói... livrou os seus discípulos das crenças nos deuses ou em Deus, que é o começo da loucura... a sua grande virtude foi a temperança. Distinguiu entre as necessidades naturais e as necessidades artificiais, demonstrou que são necessárias bem poucas coisas para satisfazer a fome e a sede, para defeza contra o calor e o frio. Tornou-se independente de todas as outras necessidades, isto é, de quasi todos os desejos e de quasi todas as crenças que escravizam os homens...»

Digo que é um homem livre dando a esta expressão um sentido vivo e integral; livre intellectualmente e livre moralmente. Nem as necessidades falsas da civilização citadina, nem a moral corrente, nem o ostracismo, nem o silêncio do mundo official, foram sufficientemente fortes para domesticar este estoico encanecido e vigoroso, pequeno e sorridente, cujo rosto sereno e doce é a imagem da beleza harmoniosa, da filosofia que é mais amor que lógica, mais coração que razão.

De tudo isto se deduz que o individualismo de Han Ryner não é o da torre de marfim, nem o da aristocracia culta. Nunca deixou de participar com a sua pena, com a sua assinatura ou a sua palavra da causa da justiça social. A meude as tribunas do proletariado aco-

lhem a sua palavra serena e formosa com entusiástica affectuosidade. O bom velho! Ouvindo-o uma tarde falar contra as illusões da violência sistemática como instrumento de liberdade, afirmando que essa violência conduz ao Estado ou ao Militarismo, dizendo grandes verdades com um gesto natural e humilde, como conversador e não como orador, pensei em Sócrates, em Sócrates tal como este o interpreta: «Este não ensinou uma verdade exterior aos que o ouviam, mas incitou-os a que encontrassem a verdade em si próprios. Morreu condemnado pelas leis e pelos juizes, assassinado pela cidade, martir do individualismo».

É um trabalhador incansavel; tem cultivado com igual mestria a novela, o drama, a critica, o dialogo filosofico (parabolas) e a poesia. Toda a sua obra consta de duas duzias de volumes, pouco mais ou menos. Especialmente notaveis são as suas «Paraboles Cyniques», «Les Voyages de Psychodre» e «Le Père Diogene».

LUIS DE FILIPPO

!Pela mulher!

HÁ homens que trabalham em excesso, sacrificando-se e sacrificando as suas companheiras, para accumularem riqueza para deixar aos filhos... dizem! Deixam-se dominar pela febre das grandezas illusórias, pelo egoísmo cego e insensato... e não percebem que procedendo tam tólamente, ísemeliam em volta de si o mal-estar e a discórdia!

A melhor herança que os pais deveriam deixar aos filhos — penso — era, além duma boa saúde, a necessária educação e aptidões para ganharem honradamente o pão e pela forma mais independente que possível seja.

A mulher que sofre um marido que tenha a mania de ser rico com o pretexto tolo de deixar aos filhos, é também uma desgraçada vítima, e embora o seu companheiro seja um modelo de honestidade!

O amor pela humanidade é extensivo a todos os seres humanos começando por nós e pelos nossos, e o homem que quer que a mulher se sacrifique trabalhando em excesso, é um tiranete estúpido, embora se sacrifique também!

O excesso de trabalho é vicio, não é virtude: tudo quanto é excessivo é prejudicial ao homem. O respeito e o amor da própria pessoa, impõe-nos o dever de pouparmos as nossas energias e a nossa saúde; e a mulher, sobretudo quando é mãe, precisa muito de repouso, evitando canceiras que prejudicando a sua saúde, íse vão reflectir na robustez física da prole!

É um problema muito sério, este do trabalho da mulher. A mulher antiga vivia escravizada, estava por assim dizer, presa à casa como o pássaro na gaiola, havendo maridos que nem as deixavam chegar à janela.

A mulher moderna educada a ganhar a vida como se fôsse um homem, é vítima em muitos casos doutros males, se tem a infelicidade da casar (ou ter por companheiro) um homem insensato: não é escrava como a antiga, que apenas se preocupava com o trabalho doméstico. É livre... anda sósinha pelas ruas, mas vive, em muitos casos, escravizada por um excesso de trabalho que lhe tira as forças e a saúde, íe a própria vida!

ABILOS

